



5-2

PADRE

FRANCISCO

GONÇALVES



MANANCIAIS

Dr

Wm. L. Connelley

Dr. J. L. Connelley
J. L. Connelley

Dr. J. L. Connelley
5-11-69
Wm. L. Connelley
A. P.

J-2
E. Lemos — O. Venturuzzo

PADRE
FRANCISCO
GONÇALVES



MANANCIAIS

1ª EDIÇÃO — 24/V/“69

Com as devidas licenças.

COMPOSTO E IMPRESSO POR
NOROGRAF - TIPOGRAFIA NOROESTINA LTDA.
ARAÇATUBA - ESTADO DE SÃO PAULO.

APRESENTAÇÃO

Há 40 anos — 8/XII/1929 — Francisco Gonçalves, candidato à vida salesiana, escrevia: “Parece-me ter compreendido bem o compromisso que assumo, fazendo os santos votos... espero com... o auxílio da Virgem... poder praticá-los.”

O presente ensaio, ainda que seja seguido de outros e mais completos, já é uma prova, a cantar as GLÓRIAS DA "AUXILIADORA" de um DUPLO CENTENÁRIO:

O I.º Centenário do Decreto Pontifício, com o qual o Papa de D. Bosco, Pio IX aprova a Sociedade de S. Francisco de Sales;

e o I.º Centenário da fundação da Arquiconfraria dos Devotos de N. S. Auxiliadora, também em março de 1869, com a finalidade de “promover e incrementar a devoção do povo com a Santa Mãe de Deus e o SS. Sacramento da Eucaristia”.

Com os agradecimentos a quem de dever, vão também os votos, para que os exemplos do Padre Francisco Gonçalves, que estas páginas trazem, edifiquem os seus leitores, mormente os jovens e as famílias de costumes bons e sadios.

Araçatuba, 17/V/"69
ASAS — Cx. 441 — Araçatuba — SP.

	Pág.
Apresentação	3
Introdução	5

PARTE I — CHIQUINHO

Capítulo I — Lar - Escolas	13
Capítulo II — Estudos Sérios	27
Capítulo III — Labor Fecundo	41
Capítulo IV — Luminosa Despedida	57

PARTE II — DOCUMENTOS HONROSOS

a) Pronunciamentos	75
b) Regulamento	79
c) Diário	82
d) Cartas	85

MANANCIAS

“... Paz”	99
“... Eternamente”	103

INTRODUÇÃO

FORÇA — EQUILÍBRIO — BONDADE, "...virtude das almas grandes" (Bonard) — é o que mais parecia evidenciar a figura ascética de Pe. Francisco Gonçalves, nos anos de 1.938 a 1.946.



Uns tópicos do Catedrático exímio da Faculdade de Filosofia de Lorena — S.P. — Pe. A. Lages, quando do sepultamento de Pe. Francisco dirão melhor. Ei-los :

I — "...Trazia no corpo franzino uma alma inquebrantável.

E um coração tão grande como as areias do mar!
Mas não trazia dinheiro.

E que queria aquêlê padre moço, cujos olhos irradiavam inteligência e diziam sinceramente e cujo sorriso fascinava e vinculava?

Que queria? **Almas.**

Queria almas para salvar e corações para êle incendiar com a chama da caridade que lhe estava no coração.



II — E vós ouvistes, Sanjoanenses, subir aos céus

a algazarra nova da criançada do Oratório com quem êle rezava, com quem êle se identificava naquele característico elevado rebaixar-se do educador salesiano aos pequeninos.

Ah! O Oratório de São João! Essa página que sabe as coisas extraordinárias...

Que reproduziu muita vez o maravilhoso tão natural nos empreendimentos de Dom Bosco, Santo.



III — O Oratório! Na história da cidade se alteia como indelével marco da generosidade dos Cooperadores Salesianos, que, arrastados, fascinados, se viram envolvidos na onda de Trabalho e Caridade, a fazer, a dar, a rezar, a admirar... e a receber!

Se Nosso Senhor não deixa sem pagar um copo de água...



IV — E o Padre Francisco galgou a meia encosta da colina (atrás dêle, ao redor dêle, num corpo só com êle — os Cooperadores).

E ergueu-se o Ginásio.

Onde vivem os seus filhos bem amados: as alminhas de eleição que Jesus chamou e confiou-lhe — flores singulares — aos cuidados amorosos dêle, o Jardineiro experimentado.

E a colina transformada no Seminário do Senhor,

dignificada, santificada, é o grande turíbulo da cidade, é o grande órgão cuja salmodia perene lembra um cantinho do Céu.

E surgiu também o Santuário de São João Bosco!

.....

V — Olhai esta procissão ante o morto queridíssimo.

Todos vieram.

Todos! O rico e o pobre.

O de letras e os iletrados.

Os da alta esfera e os pequeninos.

E há lágrimas...

Elas vão cantando estrofes, tão belas de gratidão e veneração.

Eu vi o garotinho do Oratório, rasgadinho e sujo, de olhitos brilhando, brilhando com a lágrima teimosa.

Que precioso diamante não era!

E ao lado dêle eu vi o Sacerdote venerando de olhos marejando também.

E eu, com os outros, cheguei-me e toquei o meu terço naquêle corpo que dizem que morreu.

.....

VI — Eu o conheci em julho de 1925, quando visitei pela primeira vez as Escolas D. Bosco de Cachoeira do Campo.

Conversei com êle nesta ocasião e depois muitas

vêzes quando êle era aspirante em Lavrinhas, noviço, filósofo, tirocinante, estudante de Teologia, padre, conselheiro escolar, Diretor...

Sempre fiquei admirado com seus contínuos progressos nas virtudes...



VII — Chamou-me mormente a atenção sua confiança filial, completa; o amor à Congregação Salesiana, a Dom Bosco... a sua sêde por adquirir sempre novos conhecimentos relativos à obra salesiana, não só no imenso Brasil, mas também em todo o mundo; o seu são otimismo no juizo que emitia acêrca das pessoas e das coisas... a sua falta completa de respeito humano, sem pessimismo porém, no modo de tratar os seus companheiros, máxime no curso filosófico e teológico... a sua não comum habilidade, unida ao contínuo empenho para se tornar cada vez mais digno filho de D. Bosco, no trabalho, no estudo... a sua angelical pureza que resplandecia de todo o seu porte, de seus olhares, palavras..."



O trabalho, desejoso do maior aproveitamento possível e de maior número de leitores, dividido em duas partes: "CHIQUEINHO" e "DOCUMENTOS" — ambas subdivididas em quatro assuntos principais

(Lar e Escolas — Estudos Sérios — Labor Fecundo — Luminosa Despedida e Pronunciamentos — Regulamento de vida — Diário — Cartas), e, por sua vez, em dezenas de breves itens, — além do resumo, são as únicas diferenças da preciosíssima e exauriente fadiga de Pe. Ralfy Mendes S. D. B. — Belo Horizonte — 1951: “AMOR... ALEGRIA... SACRIFÍCIO”.

Araçatuba, 28/XII/68 — SS. Inocentes
Apostolados Sociais Salesianos — Cx. 441
OS AUTORES

A pureza é um diamante de grande preço; o recolhimento é o principal meio para conservá-la.

D. Bosco

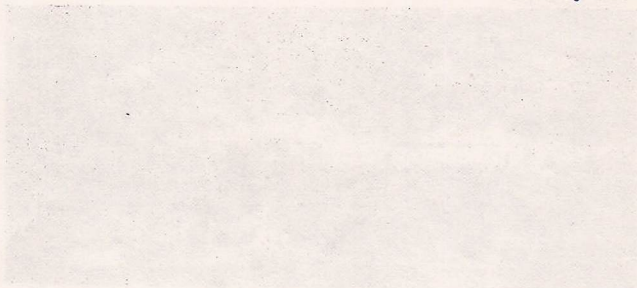
O MODELO QUE TODO CRISTO DEVE COPIAR É JESUS CRISTO. NINGUÉM PODE UFNAR-SE DE PERTENCER A JESUS CRISTO, SE NÃO PROCURA IMITÁ-LO.

D. Bosco

Aracaju, 28/XII/68 — 22 locantes
Agenciador Social Salmos — Cr. 441
OS AUTORES

A peneira é um diamante de grande preço, o rei
colimado é o principal meio para conservá-lo.
D. Bosco

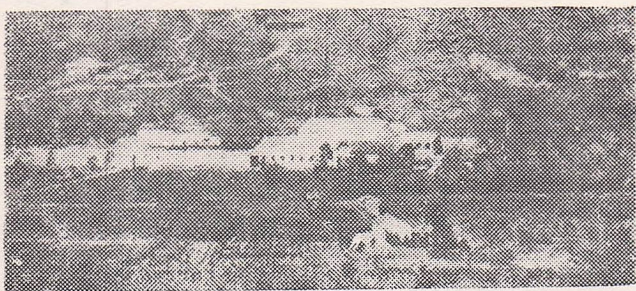
CHIQUINHO



I PARTE

ESCOLA AGRICOLA

"OS SANTOS COMPREENDIAM A PRECISÃO DO TEMPO E POR ISSO OCUPAVAM NO DIA E NOITE PARA A MAIOR GLÓRIA DE DEUS"
D. Roscoe



ESCOLA AGRÍCOLA

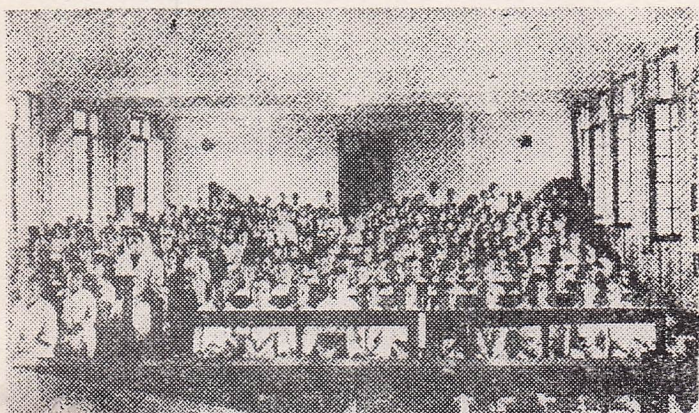
“OS SANTOS COMPREENDIAM A PRECIOSIDADE DO TEMPO E POR ISSO OCUPAVAM-NO DIA E NOITE PARA A MAIOR GLÓRIA DE DEUS”.

D. Bosco

CAPÍTULO I

LAR - ESCOLAS

- 1 — Capim Branco
- 2 — Órfão — Aulas
- 3 — Ativo
- 4 — Colegial
- 6 — Férias Só?
- 7 — Pneumonia
- 8 — Pe. Alcides
- 9 — Lavrinhas
- 10 — Diligente



CONCENTRAÇÃO DE ORATORIANOS

- 1 — Capim Branco
- 2 — Ordo — Aulas
- 3 — Ativo
- 4 — Colegiado
- 5 — Terça 2da
- 6 — Pneumonia


“PELA ESMOLA O PARAÍSO
É DOS RICOS NA PESSOA DOS
POBRES”.

D. Bosco — 10

O menino Francisco Gonçalves de Oliveira nasceu a 21 de fevereiro de 1911, na propriedade agrícola de Campo Belo, naquele tempo distrito de Prudente de Moraes e município de Matosinhos, Minas.

Seus pais, Francisco Gonçalves Mascarenhas e Da. Maria José de Oliveira, católicos fervorosos, o levaram à Pia Batismal da Matriz de Matosinhos onde, no dia 14 de abril do mesmo ano, recebeu as águas regeneradoras do santo batismo que o fizeram filho de Deus e herdeiro do Céu, que há de buscar, sete lustros depois.

1 — CAPIM BRANCO

 Pouco tempo depois o pai passou a residir no arraial de Capim Branco, sede de um dos distritos pertencentes, naquela época, ao município de Santa Luzia.

Este arraial, onde o nosso Francisco — na intimidade “Chichico” — passou a residir, situa-se a uns 70 quilômetros de Belo Horizonte e a 3 quilômetros de Periperi, estação preferida pelos habitantes de Capim Branco para suas locomoções de produtos pecuários e agrícolas.

Nessa localidade, exatamente em frente da capelinha encontra-se uma casa comercial, a melhor da localidade, pertencente ao Sr. Francisco Gonçalves Mascarenhas, excessivamente bondoso e justo, no dizer de seus contemporâneos, de trinta e poucos anos de idade, portador de alguma cultura geral e pouca saúde.

Casado com Da. Maria José de Oliveira — na intimidade Da. Mariquinhas — senhora de virtudes modelares, de muita piedade e grande amor ao trabalho; teve o casal cinco filhos : José, Antônio, Francisco e duas meninas : Nair e Maria Rosa.

Como o pequeno Samuel de que nos fala a Escriitura, Francisco “ia crescendo em estatura e tornava-se agradável a Deus como aos homens.”

2 — ÓRFÃO — AULAS

Aos 5 anos começava a sair da primeira infância, quando sofreu um abalo que lhe havia de ser como uma ferida no coração tão tenro.

Era a morte de seu pai que o Senhor levou para si aos 29 de novembro de 1916; foi, na verdade, uma ferida que lhe ficou impressa no coração e que com êle cresceu.

Em 1919, “Chichico” entra para a escola do Sr. Francisco Teixeira, que tudo fazia para que seus alunos tivessem esmerada educação e instrução.

Em 1920 Francisco recebe o Sacramento da Crisma das mãos de S. Excia. Dom Silvério Gomes Pimenta.

Da. Mariquinhas, retirou-se de Capim Branco para o sítio de Barreiro antiga propriedade de seus pais, com as duas filhas menores e um irmão, onde se dedicou à lavoura e onde conseguiu, com heroísmo criar e educar os cinco filhos! Por recomendação do Dr. Francisco de Sales ex-presidente de Minas e Ministro da Fazenda, conseguiu lugares gratuitos para José e Antônio nas Escolas de Dom Bosco de Cachoeira do Campo.

Chichico ficou na casa da Vovó, frequentando o Grupo Escolar de Prudente de Moraes.

3 — ATIVO

Aos domingos ia para junto da mãe e prodigalizava-lhe mil carícias.

Dizia-lhe mesmo com orgulho infantil: “Mamãe, hei de estudar muito para conseguir, quando crescer, um bom emprêgo e ajudá-la para poder educar as irmãzinhas.

Nunca farei como os irmãos mais velhos que querem se afastar da senhora para serem padres...”

Veremos a seu tempo, que outros eram os desígnios da Providência.

Quando os irmãos vinham à casa para as férias do fim do ano, reuniam-se todos em casa de mamãe, no sítio.

Brincavam, então alegres os três meninos cujas diversões consistiam, as mais das vezes, em andar a cavalo e pegar passarinhos, sem nenhum contato com os moleques.

Chiquinho não sabia ficar desocupado.

Tinha vocação para o trabalho.

Seu irmão José narra: “Eu me lembro muito bem que às vezes eu e o mano Antônio ficávamos choramingando quando recebíamos uma ordem.

Em vista da presteza do Chichico, que era menor, tínhamos que apressar o passo para não fazermos feio”.



A Vovó materna de Chichico gostava de rezar o terço a noite.

“Era um terço comprido, com umas meditações antigas, extensas, que faziam a gente cochilar.

Nosso Chichico sentava-se sempre junto dela, segurando bem o seu tercinho e não ganhava os terríveis beliscões da velha, como os outros que perdiam o fio da meada....”

Em frente ao Grupo Escolar de Prudente de Moraes, ergue-se hoje um altaneiro e copado cedro plantado, no “dia da árvore”, pelas mãos inocentes do melhor aluno da classe, Francisco Gonçalves.

4 — COLEGIAL

Em 1922, Francisco terminava brilhantemente o curso primário no Grupo Escolar de Prudente de Moraes.

Conseguiu a mãe um lugar para êle nas Escolas

Dom Bosco, com a vaga do irmão José, que desejava de ser padre, partira para o Aspirantado salesiano de Lavrinhas, Estado de São Paulo.

Francisco, então, com 12 anos, em fevereiro de 1923, entrava pela primeira vez numa escola salesiana.

Novo ambiente, novos estudos, novos mestres, vida nova.

Doía-lhe um pouco, afeiçoado que era, o ficar longe da mamãe, da vovó e das irmãzinhas mas... era preciso fazer como os outros irmãos, conformar-se e ficar interno nas Escolas.



O edifício das Escolas de Dom Bosco é um antigo quartel do tempo do Império .

Guarda ainda, nas linhas arquitetônicas, seu aspecto colonial e tem na fachada, um brasão das armas imperiais.

Ao centro do pátio uma estátua da Virgem Auxiliadora; Chichico observa-a.

A mãe tinha ficado tão longe... Mas não havia de ser nada.

Aquela Senhora que ali estava ia ser sua outra mãe.

O nôvo aluno percebeu logo que ia se dar bem naquêlo ambiente.



Francisco estava agora em plena adolescência.

Esta adolescência tão perigosa e, muitas vezes fatal, êle a teve amparada pelo sistema pedagógico de Dom Bosco que, com a piedade e com o carinho dos superiores foi para êle, através das muitas atividades escolares — um verdadeiro despertar para tudo o que a vida encerra de mais nobre, mais belo e mais santo.

Lendo a vida de Domingos Sávio, Chichico compreendeu a que ponto poderia êle chegar.

Generoso para com Nosso Senhor, procurou imediatamente imitar o jovem aluno de Dom Bosco.

5 — INCUMBÊNCIAS

No refeitório era o “chefe de mesa”, encarregado não só de distribuir os comestíveis mas, principalmente, de zelar pelo bom procedimento dos companheiros.

No pátio era a alma dos recreios, no futebol o melhor.

Tomou parte na banda de música, tocando sax e, mais tarde, clarineta.

Várias vezes subiu ao palco nas representações colegiais.

Em fins de 1924, com quase 14 anos de idade, Francisco foi passar as férias em casa.

Levara lindos prêmios e um exemplar dos “9 ofícios”, devoção que gostava de propagar naquela idade.

Conseguira prêmios de procedimento, instrução religiosa, trabalho, música, declamação e pontualidade.

6 — FÉRIAS SÓ?

Nestas férias, confiou um segredo à mamãe.

Chamou-a a um quarto e aí onde ninguém os via nem ouvia disse-lhe: "Mamãe quero lhe dizer um segredo.

Quando pequenino desejava arranjar um bom emprêgo, para mais tarde ajudar a senhora e as irmãs.

Nestes dois anos escolares, porém, venho compreendendo que Nosso Senhor me chama para outra coisa... Mamãe, dê-me licença... Quero ir para Lavrinhas... estudar... quero ser padre!"

A mãe cheia de surpresa, calou-se por algum instante.

Disse-lhe depois com calma e firmeza: "Meu filho, é possível que seja esta a vontade de Deus mas eu não posso permitir que você vá agora para Lavrinhas.

É preciso que termine antes o curso em Cachoeira do Campo.

Você não tem muita saúde, talvez lá não se dê bem com o clima e com os estudos e, se tiver que voltar mais tarde, perderá o lugar que tem nas Escolas Dom Bosco."

Francisco, tristonho, abaixou a cabeça.

Queria replicar, expor novas razões mas não podia, não se sentia com fôrças para discutir com a boa mamãe.



Com 14 anos, Francisco já tinha perfeita compreensão da vocação sacerdotal e dos requisitos que ela exige.

Com estas convicções e pelo amor que ascendia de seu coração, ainda adolescente, Francisco, no dia 3 de abril de 1925, entrou muito recolhido na capela das Escolas Dom Bosco.

Ajoelhou-se diante do altar da Virgem Auxiliadora e Imaculada e fêz, pela primeira vez, o voto de castidade.

7 — PNEUMONIA

Para esta promessa, tinha licença do seu confessor e diretor.

Para guardar esta data importante deixou escrito em seu caderninho particular: "Cachoeira do Campo, 3 de abril de 1925 — dia da minha primeira promessa".

Lê-se em seguida: "Renovei dia 17 de fevereiro (certamente do ano seguinte, 1926) até 31 de março, de 1927)".

Nesse ano de 1925, em que cursou o 1.º ano preparatório, Francisco ocupou o cargo de secretário da

Companhia de São Luiz, associação religiosa da qual participavam os melhores e mais piedosos alunos.

Chiquinho, o Dr. falou que seu caso não tem cura : pneumonia dupla... prometa a N. S. Auxiliadora que, sarando, vai continuar os estudos em Lavrinhas” — assim falou Mestre Fontoura, enfermeiro, ao aluno Francisco Gonçalves.

A resposta deve ter sido favorável, pois “Chichico”, na manhã seguinte, estava, com os demais colegas na Missa.

No ano seguinte, 1926, Francisco voltou a Cachoeira para cursar o 1.º ano de agronomia, disposto porém, a redobrar seus esforços para alcançar de Deus a graça almejada de seguir a vocação sacerdotal.



Um coadjutor de confiança de Francisco, afirma que seu espírito de penitência nêsse ano foi extraordinário e que chegou a se penitenciar como São Luiz Gonzaga.

Nosso Senhor abençoou seus esforços e, dentro em breve, lhe iria abrir as portas do Aspirantado.

A avesinha estava prestes a bater as asas, deixando o lar a procura do seu ideal.

8 — PE. ALCIDES

Aquelas férias de 1926-27, seriam as últimas que

Francisco passaria ao lado da mamãe e dos irmãos.

Ainda não obtivera licença para ir para Lavrinhas, mas alguma coisa lhe dizia que em breve haveria de partir.

São dessas certezas que a alma, mesmo das crianças, adquirem em virtude de suas orações, da amizade e confiança que depositam em Deus.

Francisco conversava com a mamãe, brincava com os irmãos pelos verdes campos do sítio.

Tudo aquilo, em breve, seria, para êle, uma saudade.

Corriam os dias de férias cèleremente e eis que, numa manhã de sol brilhante, de janeiro, desembarcou um padre salesiano na estação de Prudente de Moraes.

Era o Pe. Alcides Lana que lá ia em busca de uma ovelhinha.

Tendo conseguido um animal, o Pe. Alcides cavalgava pelas encostas e vales a caminho do sítio.

Depois de uma hora e tanto de viagem, avista, ao longe uma casa onde devia estar o Chichico.

Lá chegando tem uma desilusão.

Diz-lhe o tio do pequeno que êle estava com a mãe e irmãos na casa da vovó, perto da estrada de Sete Lagoas.



Mais uma hora de viagem e chega, afinal, o Pe. Alcides à almejada casa.

Padre Alcides, sempre franco, depois dos cumprimentos, disse sem preâmbulos :

“Sabe D. Mariquinhas, o que vim fazer aqui? Vim buscar o nosso Chichico para levá-lo para Lavrinhas, em São Paulo, e vamos fazer dêle um padre salesiano”.

— Não é possível — disse D. Mariquinhas — êle é o caçula, tem que cuidar das irmãs, não é possível!

— Não há razões que me demovam do meu intento, — disse Pe. Alcides entre sério e brincalhão.

— Quem cuidará das meninas?

— Deus, Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco.

— Mas Pe. Alcides, não é possível!

— É possível, e êle irá. As meninas irão para o Colégio das Irmãs, de Cachoeira.

Vou pedir às Irmãs.

A senhora também irá para lá se quiser, e fará alguma coisa ajudando as Irmãs.

A senhora não se pode opor à vontade de Deus.

9 — LAVRINHAS

Os argumentos de D. Mariquinhas se esboroaram por terra.

A voz possante do Pe. Alcides declarou encerrada aquela reunião, e Chichico partiria afinal, para Lavrinhas.

Francisco já se sentia em plena juventude apesar de seus 16 anos.

Deixar a sua casa tinha sido uma prova que lhe amadureceu muito o espírito.

Sua vocação estava salva, vitoriosa e, de certo modo, garantida a perseverança.

Lavrinhas era, naquele tempo, uma pequena vila do Estado de São Paulo, distante 7 quilômetros da cidade de Cruzeiro.

O Ginásio São Manoel, afastado uns 500 metros da estação, era a casa destinada a receber os meninos desejosos de abraçar a vida salesiana.

10 — DILIGENTE

Francisco entrava em um ambiente onde poderia dar largas aos sentimentos do coração.

Aí chegou em fevereiro de 1927, para o terceiro ano ginásial.

O Sr. Pe. André Dell'Oca, diretor do estabelecimento, recebeu-o paternalmente.

De seu amor ao estudo temos ainda hoje, como testemunhos, os caderninhos de apontamentos em que êle ia anotando tudo o que de interessante os professores diziam em aula, se suficiente prova não fôsse a sua vasta cultura, bem notória a quantos com êle conviveram.

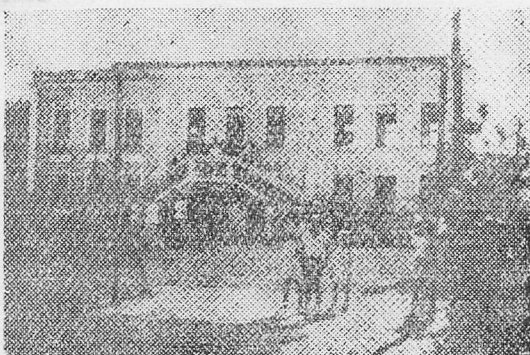
Desde o tempo de aspirantado compreendeu que a ciência e a piedade eram as duas asas do padre.

Daí seus esforços para aprender com afincio as matérias que tinha em mãos, sem perder tempo com leituras inúteis.

CAPÍTULO II

ESTUDOS SÉRIOS

- 11 — Vestidura
- 12 — Pedido
- 13 — Profissão
- 14 — Filosofia
- 15 — Propósitos
- 16 — Magistério
- 17 — Votos Perpétuos
- 18 — Assistente
- 19 — Teologia
- 20 — Ordens... Provação
- 21 — Diácono... Alegrias



ORATÓRIO S. JOÃO

“SÊDE ALEGRES E DIZEI
COM S. FELIPE NERY: ESCRÚ-
PULOS E MELANCOLIA NÃO
OS QUERO EM MINHA CASA”.

D. Bosco

Em fins de 1928, já às portas do Noviciado, seu diretor lhe dava, em resposta de uma cartinha, uma estampa do Sagrado Coração de Maria, em cujo verso escrevera : “Continua como até agora no cumprimento de teus deveres e Dom Bosco te aceitará como seu filho”.

Não era pequena a prova pois o escrutínio para a aceitação ao noviciado costuma ser severo.

Investigam-se cuidadosamente os dotes do candidato para ver se êle possui, realmente os sinais da vocação salesiana: piedade, capacidade para os estudos e saúde.

Francisco triunfara em todos êstes pontos.

O capítulo da casa de Lavrinhas dava dêle a seguinte opinião a 11 de dezembro de 1928 : “Bom, piedoso, inteligente, ama o estudo.”

11 — VESTIDURA

Em 1929, o noviciado salesiano da Inspetoria de Maria Auxiliadora funcionava em Lavrinhas, ao lado do aspirantado.

No dia 28 de janeiro, terminado o retiro espiri-

tual, ia êle alcançar um dos seus ideais : vestir a batina.

Na vida religiosa sacerdotal é êste sem dúvida, um dos mais belos dias.

As impressões que Francisco teve dêste dia estão escritas em seu caderninho :

“Não sei dizer, nem escrever as consoladoras e suaves emoções que experimentei neste memorável e inesquecível dia em que recebi a batina.

Peço-vos ó meu Deus, me concedais a graça de que eu morra antes que abandone êste sagrado hábito”.

Em princípio de abril era o início do mês de Nossa Senhora Auxiliadora, cuja festa se celebra com todo o fervor e solenidade nas casas salesianas.

Francisco propunha esforçar-se por fazer ainda melhor as práticas de piedade e, no dia 13 dêsse mês, renova seu voto de castidade, o que vinha fazendo ano por ano.

12 — PEDIDO

Assim o noviço Francisco exprimiu o desejo de se consagrar inteiramente a Deus na Congregação Salesiana :

Lavrinhas, 8 de dezembro de 1929.

Revmo. Sr. Pe. Diretor.

Depois de ter estudado as nossas constituições durante o noviciado e ouvido as explicações das mesmas e instruções acêrca da vida salesiana, sinto-

me com grande vontade de professar na Congregação Salesiana e nela me consagrar inteiramente a Deus.

Venho, portanto, solicitar-vos humildemente o assinalado favor de ser admitido à profissão religiosa; favor que jamais saberei agradecer a Deus.

Parece-me ter compreendido bem o compromisso que assumo fazendo os santos votos e os deveres que êles me impõem; espero com a graça de Deus e o auxílio da Virgem Santíssima poder praticá-los.

Reconheço que estou ainda muito aquém das virtudes que deve ter um bom salesiano, mas esforçar-me-ei por adquiri-las, observando as santas Regras e seguindo os ensinamentos que receber de meus superiores.

Isto, não confiando nas minhas fôrças, mas no auxílio de Deus e na paternal proteção do nosso beato Dom Bosco.

Agradecido e com filial veneração subscrevo-me,
Vosso dedicado filho em Jesus Cristo,

Clg. Francisco G. de Oliveira

13 — PROFISSÃO

Chegou, afinal, após o retiro, o dia 28 de janeiro, marcado para a profissão religiosa, véspera da festa de São Francisco de Sales, patrono principal da Congregação Salesiana.

A capela no noviciado, modesta mas carinhosamente enfeitada, o altar cheio de flôres e luzes, as

notas sonoras dos hinos sagrados — tudo isso contribuía para a solenidade daquele dia memorável.

Chegou a vez de Francisco se ajoelhar diante do altar e oferecer-se inteiramente ao Senhor com os votos religiosos.

Com voz firme e decidida, exprimiu, na presença do Céu e da terra, o que de há muito desejava :

“Em nome da santa e indivídua Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, eu Francisco Gonçalves de Oliveira, me ponho na presença de Deus onipotente e sempiterno, e embora indigno de sua presença, todavia confiando em sua suma bondade e infinita misericórdia, na presença da Beatíssima Virgem Maria Imaculada, Auxiliadora dos Cristãos, de São Francisco de Sales e de todos os Santos do Céu, faço voto de Pobreza, de Castidade e de Obediência a Deus, nas vossas mãos, Revmo. Sr. Pe. Domingos Cerrato, que fazeis as vêzes do Reitor Maior da nossa Sociedade, por 3 anos segundo as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales”.

Juntamente com os presentes, os Anjos terão respondido Amém àquelas palavras pronunciadas com tanto fervor e generosidade.

14 — FILOSOFIA

O clérigo Francisco datou e assinou esta declaração com seu próprio sangue.

Ele ia agora, com espírito de generosidade e humildade, amparado por Dom Bosco e Nossa Senhora,

prosseguir no caminho da perfeição religiosa, a vereda dos justos que, no dizer das Sagradas Letras, “é como uma luz resplandesciente que aumenta de brilho mais e mais até o dia perfeito”. (Prof. 4,18).

A santidade do clérigo Francisco, conforme nota seu colega do curso filosófico, era desde aquêl tempo muito agradável.

Os colegas o tinham em alto conceito, sabiam-no bom, virtuoso e, por isso mesmo, sentiam-se atraídos a êle.

Em julho de 1930, após o retiro do meio do ano, fazia seu o propósito de Santa Catarina de Gênova:

“Lançar-me-ei em um oceano de chamas, se fôr preciso, para evitar a menor ocasião de pecado e ali ficarei para sempre, antes de sair de lá com um só pecado venial”.

15 — PROPÓSITOS

Gostava de ler a vida do Pe. André Beltrami, no qual via o exemplo de uma vida tôda entregue ao amor e ao sofrimento.

Desta leitura anotou os seguintes pontos para praticar :

- 1.º — É necessário ver as coisas à luz divina.
- 2.º — Quando escolhemos um estado, ou iniciamos uma emprêsa, devemos nos esforçar por fazê-la com a maior perfeição possível.
- 3.º — Devemos e podemos ser santos e isso conseguiremos fàcilmente se praticarmos bem

... e os deveres do próprio estado.

4.º — Nestas coisas espirituais o fruto está bem em proporção da preparação.



No ano de 1931, ia iniciar o 2.º ano de Filosofia.

No retiro espiritual de janeiro feito em Lorena tomou os seguintes propósitos:

1.º — Farei todo esforço para fazer bem minhas práticas de piedade e não descansarei enquanto não conseguí-lo.

2.º — Terei grande cuidado em mortificar meus sentidos principalmente a vista.

3.º — Tratarei a todos com bondade e amabilidade e terei grande cuidado para não julgar a outrem.

4.º — Pensarei sempre na minha grande miséria, na minha fraqueza e no meu nada, julgando-me sempre o último de todos, e lembrar-me-ei sempre das palavras de Santo Agostinho: Se eu quizer posso tornar-me santo.

Em seguida, com sentimentos de humildade faz a seguinte súplica:

“Ajudai-me, Jesus, pelos vossos merecimentos, a praticar êsses propósitos pois reconheço que por mim nada posso.

E vós ó Maria, ajudai-me; Sois minha mãe e eu quero ser vosso filho.

Também quero ser um verdadeiro filho Vosso, ó Dom Bosco.

"Auxilai-me e ensinai-me vosso santo espírito".

16 — MAGISTÉRIO

No fim do ano terminava o curso de Filosofia com as melhores notas, deixando nos superiores as mais lisonjeiras esperanças sôbre suas futuras atividades.

No ano seguinte, 1932, em vista do seu coração bondoso e de sua dedicação ao próximo foi-lhe entregue o cuidado da enfermaria da casa, onde ministrava a todos, tudo o que era necessário e com grande edificação.

Os salesianos, ao terminarem o noviciado, fazem os votos religiosos por 3 anos.

Findo êste período, permitia-se naquele tempo ao candidato que tivesse 21 anos completos, fazer os votos perpétuos, caso os superiores dissesse o julgassem digno.

Na aurora do ano de 1933, o clérigo Francisco Gonçalves completa em fevereiro, 22 anos e inicia o seu 2.º ano de tirocínio prático.

Tendo vontade decidida de viver por tôda a vida na Congregação Salesiana, resolveu pedir aos superiores para, em vez de renovar os votos por mais três anos, fazê-los logo perpétuos.

17 — VOTOS PERPÉTUOS

Assim, no dia 4 de janeiro, apresenta-se ao Pe. André Dell'Oca, Inspetor e lhe pede humílimo que lhe permita tal graça.

Recebe a permissão do Pe. Inspetor que lhe diz: “entrega-te inteiramente nas mãos de Deus, deixa-te guiar por Nosso Senhor e tudo te sairá bem”.

Chichico, dêsse modo, dá mais um passo na entrega total de si a Deus Nosso Senhor.

A 14 de janeiro de 1933, clérigo Francisco pronuncia humildemente a sua profissão perpétua.

No retiro que precede à profissão faz ainda os seguintes propósitos:

- 1.º — Grande esforço para fazer bem as práticas de piedade e viver em união com Deus.
- 2.º — Todo o cuidado na prática da santa pureza, principalmente com a mortificação dos sentidos e dos afetos”.

Devido sua parca saúde, embora contra a vontade de todos os superiores é transferido para as Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo.

18 — ASSISTENTE

Nestas férias, visita a família, sendo pela primeira vez que ia de batina à casa e também a última vez que a família tôda se reuniu, porque a 14 de maio de 1933, falecia sua irmã Maria Rosa com 18 anos de idade.

De volta de casa, em princípio dêste ano de 1933, chegava êle, à Cachoeira do Campo, com o coração a transbordar de zêlo e amor divino, disposto a espalhá-lo entre as almas que lhe fôssem confiadas.

Chegava contente por estar cumprindo a vontade dos superiores que outra coisa não era senão a vontade de Deus.

Neste ano de 1933, lhe entregam a divisão dos médios, a mais difícil, em vista da idade dos alunos, quase todos de 14 a 16 anos.

Era a ocasião oportuna para praticar o que aprendera nas aulas de Pedagogia e o quanto o próprio Dom Bosco escrevera sôbre o Sistema preventivo na educação da Juventude.

O Pe. Nelo Trisoto que era, ao lado dêle, assistente dos Menores nas Escolas Dom Bosco, nos fala a respeito do assistente clérigo Francisco: “Êle soube levar a divisão admiravelmente.

Era o assistente modelar.

Exigia muita disciplina e fàcilmente a conseguia sem ter que usar castigos.

A sua divisão, embora fôsse a mais difícil, ia ôtimamente, e o que é digno de maior louvor, todos os alunos lhe queriam muito bem”.

“Meu assistente é enérgico, mas justo”, era o juízo dos meninos a respeito de Clérigo Francisco.

“Peço-vos, meu Deus — escrevia êle em 2 de outubro de 1933 — que me deis a morte, antes que eu cometa um pecado venial deliberado, principalmente contra a santa virtude da pureza”.

19 — TEOLOGIA

O curso teológico iguala-se a um segundo noviciado, onde o salesiano vive totalmente entregue aos estudos e à piedade, cuidando unicamente de sua preparação próxima ao sacerdócio.

É com êste espírito que Clérigo Francisco entra no curso de Teologia que, naquêlê ano de 1935, achava-se no bairro de Santana (São Paulo), onde hoje se encontra o Externato Santa Terezinha.

O clérigo Francisco entrou para o Instituto Teológico Pio IX disposto a aproveitar o mais que pudesse nos estudos e na piedade.

Não desperdiçava as sementes que os superiores deixavam cair.

Anotava em seu caderninho tudo o que de interessante ouvia nas aulas, conferências, sermões e “boas-noites”.

No seu 1.º ano de Teologia propunha-se :

1.º — Farei todos os esforços para me santificar.

2.º — Esforçar-me-ei por fazer do melhor modo possível as práticas de piedade.

3.º — Evitarei fazer castelos no ar e procurarei pensar no bem de todos.

20 — ORDENS ... PROVAÇÃO

Em 16 de julho de 1936, o clérigo menorista Francisco Gonçalves, deixa em seu caderninho o ideal de santidade a que aspirava :

“Quero santificar-me com o espírito de sacrifício, com a vida interior e o cumprimento exato dos meus deveres”.

Em princípio de 1937, volta, nas páginas do seu caderninho, ao motivo dominante de sua sinfonia : ser santo.

“21/2/1937 — visitei hoje pela primeira vez, minha irmã Nair (futura Filha de Maria Auxiliadora). Quantas coisas bonitas não me disse...

Entre outras, esta : “Chichico, vamos ser santos”.

“Sim, meu Deus, quero ser santo”.

“Ajudai-me a fazer violência a mim mesmo, a viver a vida interior : de fé, de oração, de sacrifício e de união contínua convosco.”

“Ensinaí-me a amar ternamente a Maria Santíssima”.

Neste ano êle sofreu um abalo na saúde, sendo obrigado a interromper os estudos para passar algum tempo em Cachoeira do Campo.

Desta prova que lhe deve ter causado tantos sofrimentos e ansiedades não encontramos nem uma queixa, nem uma palavra sequer em seu diário.

Graças a Deus pôde êle voltar da Cachoeira bem mais forte de saúde e, estudioso e inteligente, conseguiu fazer bem os exames finais e foi admitido ao sub-diaconato. Ordem que recebeu em 18 de dezembro de 1937.

21 — DIÁCONO ... ALEGRIAS

Em 12 de março de 1938, recebia o Diaconato das mãos de S. Excia. Dom José Gaspar, DD. Bispo Auxiliar de São Paulo.

O Capítulo da casa assim exprimia sua opinião sobre êle quando o admitiu a estas Ordens: “muito bom, zeloso, dá ótimas esperanças para o futuro.”

No dia 10 de abril dêsse ano, estando êle de passagem pelo Liceu Coração de Jesus, teve a grande felicidade, pela primeira vez, de distribuir a Sagrada Comunhão a 6 meninos que se achavam na enfermaria do Colégio.

Escreveu neste dia: Experimentei hoje uma das maiores alegrias de minha vida ao tocar, pela primeira vez, a Hóstia Imaculada.

Senhor que êsse meu primeiro contato com vosso divino Corpo seja penhor de minha santificação”.

CAPÍTULO III

LABOR FECUNDO

- 22 — Padre
- 23 — Cachoeira do Campo
- 24 — São João del-Rei
- 25 — Aspirantado
- 26 — Ginásio
- 27 — Inauguração
- 28 — Congresso
- 29 — Pastor
- 30 — Bondade
- 31 — Zêlo
- 32 — Sacrifício
- 33 — Piedade
- 34 — Trabalho



ORATÓRIO S. CAETANO

“A PUREZA É UM DIAMANTE
DE GRANDE PREÇO; O RECO-
LHIMENTO É O PRINCIPAL
MEIO PARA CONSERVÁ-LA”.

D. Bosco

A escalada estava concluída. Ingreme fôra o caminho, ásperos os pedregulhos! Tudo, porém, se lhe tornara fácil.

Jesus lá do alto, o esperava incondicionalmente.

22 — PADRE

Recebeu a ordenação sacerdotal das mãos de S. Excia. Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, a 8 de dezembro de 1938, na Catedral provisória de Santa Efigênia, em São Paulo.

Seu estado de saúde não permitia que suportasse a longa função da ordenação.

Disse, porém a um colega : “Peço para ser ordenado mesmo que tenha que morrer logo após”.



Durante a longa função, doente como estava, desmaiou mais de uma vez, sendo preciso tomar injeção e quebrar o jejum.

No dia seguinte, embora ainda doente na enfermaria do Instituto, quis celebrar a sua Primeira Missa, com grande admiração e edificação de todos os presentes.



No dia 25 de dezembro de 1938 estava em festa a vila de Prudente de Moraes.

Brilhava uma santa alegria no rosto de todos os católicos.

A capela tôda enfeitada e iluminada abria suas portas de par em par.

Os sinos bimbalhavam festivamente enquanto os foguetes pipóqueavam no ar.

A música melodiosa da igreja convidava o povo à prece.

Padre Francisco Gonçalves ia cantar sua Primeira Missa, seu "Te Deum" de ação de graças ao Deus bondoso que, naquela terra, aprendera a amar ainda no regaço materno; ao Deus misericordioso que o levou para a casa de Dom Bosco, que o fêz religioso salesiano e que agora lhe permite alí voltar como sacerdote, como seu ministro; ao Deus "de sua alegria e do seu regozijo".



A alegria do Pe. Francisco foi dividida com sua mãe, que também estava presente na sua primeira e mais solene missa.

Presentes também se encontravam os irmãos e parentes, entre os quais sua irmã Nair, que após alguns anos de estudo, seguia o exemplo do irmão, fazendo-se religiosa na Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora.

Pertenciam agora os dois à mesma família salesiana, com Dom Bosco e N. S. Auxiliadora por chefes.

23 — CACHOEIRA DO CAMPO

Na aurora de 1939, Pe. Francisco aguarda a determinação dos Superiores a respeito do lugar em que deveria entregar-se inteiramente ao bem das almas, que lhe fôsem confiadas e no cargo que a providência lhe designasse.

Recebe Pe. Francisco o cargo de Conselheiro Escolar, na casa por êle tão querida de Cachoeira do Campo, onde passara grande parte de sua vida religiosa.

Em junho liderava um grupo de alunos num passeio de caminhão.

Em dado momento derrapa o veículo, tomba, descrevendo uma curva no ar, e estaciona, afinal, de rodas à cima, como a contemplar o céu azul, azul como o manto de Maria, a protetora, que evitou que as conseqüências fôsem funestas, salvando-se todos milagrosamente.

O Padre como todos os meninos recebem apenas alguns leves arranhões.

24 — S. JOÃO DEL-REI

A 13 de novembro de 1939, Pe. Francisco Gonçalves recebe do Pe. Inspetor uma carta, que lhe co-

munica o desejo de entregar-lhe a direção do nôvo aspirantado de São João del-Rei, que êle deveria fundar.

Assim, a 19 de dezembro de 1939, chega a São João del-Rei o operário, inteligente e esperto para explorar a mina das vocações ai existentes

Com apoio de diversas pessoas caridosas, consegue a reforma do velho edifício do Liceu de Belas Artes e Ofícios, que se encontrava em estado precário.

Em princípio de fevereiro de 1940, Pe. Francisco transferia sua residência para lá e já iniciava o aparecimento de alguns aspirantes.

Em junho dêste primeiro ano de aspirantado, escrevia êle ao Sr. Pe. Inspetor :

“Em resposta ao que o Sr. me escreveu digo-lhe que temos aqui presentemente 30 aspirantes e 11 pedidos.

Aspirante coadjutor aqui temos sòmente o Joaquim Santana, sapateiro, que o Sr. conhece, gerente das nossas escolas profissionais!... Tem quase 17 anos. É niger sed pius.

Parece dar boas esperanças.”

25 — ASPIRANTADO

Nos três primeiros anos, 1940, 41 e 42, matricularam-se mais de 200 no curso de admissão do Aspirantado.

Como a casa não comportasse mais de 45, logo

que chegavam novos alunos, era enviada uma turma dos mais antigos e melhores para os aspirantado de Lavrinhas e Lorena.

Houve uma ocasião, em fins de 1941, que o aspirantado ficou com 60 meninos, sendo uma parte dêles semi-internos, dormindo na própria casa.

Na noite, porém, que precedia à madrugada em que 20 dêles deviam partir para Lorena, foi preciso que todos dormissem no aspirantado.

Como colocar aquêles 60 meninos onde só cabiam 45?

Foi um problema verdadeiramente difícil.

Alguns dormiam em esteiras pelo chão.

Um menino por ser pequeno, dormiu no sofá da sala de visitas.

Padre Francisco cedeu sua cama para um outro e passou tôda aquela noite em seu escritório, dormindo, se é que podia dormir, debruçado em sua mesa de trabalho.

Ainda que mostrasse alguma vez seu cansaço por tanto trabalho, pois sabemos que não tinha muita saúde, fazia tudo com grande zêlo e alegria e, se pudesse, seria capaz de multiplicar ainda mais seus afazeres, contanto que redundasse para o bem das almas.

26 — GINÁSIO

Em 1941, na visita que fêz ao aspirantado de São João del-Rei, o Sr. Pe. Inspetor ficou deveras entu-

siasmado ao ver seus progressos, o aumento das vocações e a boa vontade dos cooperadores da cidade em ajudar e sustentar a obra salesiana.

Pe. Francisco soubera cativar tôda a cidade.

São João del-Rei merecia, pois, não um pequeno aspirantado, mas um grande ginásio, capaz de conter mais de 200 aspirantes.

Surgiu, assim, a idéia de uma nova construção, na colina ao lado da nova Matriz de São João Bosco.

E, em novembro de 1941, era colocada a primeira pedra, na presença de várias autoridades episcopais.

Com a contribuição de mais e mais cooperadores, o ginásio ficou pronto quase que num abrir e fechar de olhos.

Dêste modo, em 8 de agosto de 1943, era inaugurado solenemente o Ginásio São João.

27 — INAUGURAÇÃO

A festa da inauguração realizou-se com a honrosa presença de S. Excia. Dom Helvécio Gomes de Oliveira, de Dom Antônio Augusto de Assis e ainda de Pe. Orlando Chaves, atualmnete Arcebispo de Cuiabá, além de outras personalidades de grande destaque.

Nesse dia festivo o Pe. Francisco se esquivava quanto podia às felicitações.

Nada daquilo atribuía a si “Tudo — dizia — é obra de Deus que se serve dos nossos cooperadores

para levar a cabo nossos projetos”.

Todos sabiam, porém, que era êle, depois de Deus, o motor de tudo aquilo.

Era êle quem atraia sôbre a obra salesiana as bênçãos de Deus e a simpatia e generosidade dos cooperadores.

Ainda a 4 de outubro dêsse ano, pela portaria n.º 521, o Govêrno reconhecia oficialmente o Ginásio São João.

28 — CONGRESSO

Foi grande o ginásio, mas, já em 1945, parecia pequeno, pois, o Pe. Inspetor dava licença para a construção de mais 3 pavilhões.

O ano letivo de 1945, terminava com um Congresso de Vocações, idealizado pelo Pe. Francisco, no desejo de fazer os aspirantes cada vez mais conhecedores e amantes da sublime vocação que o Senhor lhes outorgara.

O aspecto do aspirantado era o de uma grande família.

O Pe. Francisco era o pai e seus filhos alí estavam, os aspirantes, como rebentos de oliveira ao redor de sua mesa.

“Filii tui ut surculi olivarum circa mensam tuam”.

Em março de 1946, duas grandes inaugurações vieram encher de alegria o coração do Pe. Francisco.

Com a presença de S. Excia. Dom Helvécio Go-

mes de Oliveira, DD. Arcebispo de Mariana, e de vários cooperadores, inclusive o Sr. Benjamim Guimarães Filho, inaugurava-se o pavilhão de aulas e estudo do Ginásio São João, e o nôvo Oratório Festivo São Caetano, valiosa oferta da Família Nascimento Teixeira.

29 — PASTOR

A 19 de março ainda de 1946, Dom Helvécio entrega ao Pe. Francisco mais um cargo além do de diretor: é nomeado Vigário da Paróquia de São João Bosco

Em maio de 1946, soube o Pe. Francisco que havia um espírita em sua paróquia, o qual procurava iludir o povo atendendo consultas e fazendo certos embustes.

O Vigário mandou dizer ao tal homem que o viesse procurar, pois queria conversar com êle.

'Tendo vindo o espírita, Pe. Francisco procurou convencê-lo do mal que fazia à sua alma e à do próximo, ensinando e fazendo coisas proibidas pela Igreja.

O homem porém, parecia obstinado.

Disse-lhe por fim o Pe. Francisco que de modo algum havia de permitir que êle continuasse a permanecer em sua paróquia.

Uma vez que não queria reconhecer o mal que estava fazendo, que se afastasse então de lá, do contrário êle o faria afastar.

O espírita vendo-se assim ameaçado, pediu ao padre que esperasse um pouco mais, pois, exercendo aquêlê pobre mistér, cumpria ordens de outros, dos quais êle dependia.

Disse-lhe então o padre que trouxesse todos os outros à sua presença pois desejava falar a cada um dêles.

O homem se despediu, mas nem êle nem seus chefes tiveram coragem de se apresentar diante daquêlê padre cujo olhar, inflamado de zêlo, parecia querer fulminá-los.

30 — BONDADE

Um clérigo salesiano narra o seguinte :

“Estava sentado junto ao Pe. Diretor que me ouvia pacientemente.

Sôbre sua mesa de trabalho, vários papéis e cartas para responder.

No mesmo momento em que o pedreiro chegava à janela para lhe perguntar alguma coisa sôbre cal e areia, toca o telefone : era um senhor que desejava colocar o filho no aspirantado.

Nesse interím chega um velho do albergue.

Quis então eu sair para deixar os dois mais à vontade, mas o padre disse que não era preciso.

Logo que desligou o telefone e atendeu ao pedreiro, voltou-se afàvelmente ao velhinho para escutá-lo.

O pobre velho, bastante exaltado, despejou vá-

rias queixas sôbre o Pe. Francisco, dizendo-lhe, afinal, que não ficaria mais no albergue e se iria embora no dia seguinte.

O padre silenciou por algum momento e depois lhe deu, com a mesma ternura e bondade que usava com os salesianos e aspirantes, os conselhos mais amigos.

Disse-lhe que tivesse paciência e resignação pois, deixando o albergue, sem dinheiro e sem parentes como era, ia se expor a maiores sofrimentos, os quais, velho como estava, não poderia suportar, e que, se lhe dava aquêlê conselho era porque desejava unicamente o seu bem.

Quando o padre acabou de lhe dizer isto, vi que duas lágrimas desciam dos olhos cavados do ancião.

Êste quase sem poder falar, apenas balbuciou : “Obrigado, seu Vigário.

Eu vou ficar”.

Tomou-lhe a bênção e partiu enxugando as lágrimas.

Em seguida o padre sorriu para mim e disse : agora vamos continuar nossa conversa.

Êste fato que nos mostra a bondade do coração de Pe. Francisco, dá-nos também uma idéia da vida de trabalhos que levava em seu escritório, obrigado a vários negócios.

31 — ZÊLO

Era grandemente procurado no confessionário,

onde ficava, de boa vontade, horas e horas, a ouvir os penitentes, a dar-lhes a orientação segura, a tranquilizar-lhes as consciências, comunicando-lhes paz.

Para facilitar ao povo a assistência da Santa Missa aumentou mais uma aos domingos, às 6 horas.

A matriz provisória continua pequena demais.

Pe. Francisco solicita a colaboração de todos para a continuação da construção da nova matriz.

Assim sendo, em julho de 1946, chegavam vigas de ferro e sacos de cimento para o reinício dos trabalhos.

Dentro em breve o santuário estaria todo coberto e rebocado.

Certa vez ia êle de trem a Juiz de Fora em companhia de alguns aspirantes quando ouviu que alguém falava contra o Sumo Pontífice.

Padre Francisco levantou-se logo de seu lugar, postou-se ao lado daquêle audacioso e lhe perguntou que motivos tinha para atacar o Santo Padre.

É excusado dizer que em poucas palavras derubou por terra os fracos argumentos do adversário.

32 — SACRIFÍCIO

Sacrificava boa parte do repouso noturno trabalhando até tarde e, durante o dia, muitas vêzes era obrigado a sair do refeitório após o almoço ou o jantar para ir ao escritório responder alguma carta ou atender a alguma pessoa.

Muitas vêzes foi visto abatido, oprimido pelo

cansaço, mas êle não se queixava nunca, não soltava um gemido e ainda sorria para tirar esta impressão dos outros.

Foi grande a surpresa que, em 1946, um salesiano fazendo uma limpeza no quarto de Pe. Francisco, estando êste ausente, encontrou debaixo do seu colchão bem escondido na tela da cama, um cilício cheio de pontas de arame, de comprimento tal a se ajustar perfeitamente com sua cintura.

Devia incomodar bastante àquele que o usasse.

O salesiano deixou-o no mesmo lugar e nada disse ao Padre.

Depois da morte dêste o mesmo foi encontrado em seu armário no seu quarto.

Padre Francisco nunca tocara neste assunto em suas conversas.

33 — PIEDADE

Pe. Francisco tinha uma grande piedade, não perdia um minuto.

Se não fazia alguma coisa estava rezando e sempre que ia visitar algum doente procurava rezar pelo caminho.

Muitos notaram que em Pe. Francisco havia o maior despreendimento do mundo.

Certa vez, no refeitório, um clérigo lhe diz que gostaria de morrer bastante velho para poder desenvolver maior apostolado.

Outro salesiano disse que queria, pelo menos,

ver sacerdotes os aspirantes para cuja formação trabalhou.

Padre Francisco, porém, só disse isso : “eu desejava ser padre; já o sou, estou satisfeito e posso morrer”.

34 — TRABALHO

No dia 15 de julho de 1947, às 8 horas da noite, mandou o Pe. Francisco chamar um aspirante, ajudante do enfermeiro, dizendo-lhe que lhe preparasse uma injeção contra gripe, pedindo-lhe ainda água morna para lavar os pés que, dizia, estavam frios.

Passou assim o dia 16 e 17.

No dia 18, notaram que êle mancava de uma perna quando caminhava no pórtico.

Brincou com vários salesianos e aspirantes dizendo que estava ficando velho.

Mesmo assim trabalhou todo aquêlê dia, tanto no Ginásio como na Paróquia e no Oratório, onde passou a maior parte do dia auxiliando na construção de gangorras, campos de volei e outros jogos para as crianças estrear em no próximo domingo.

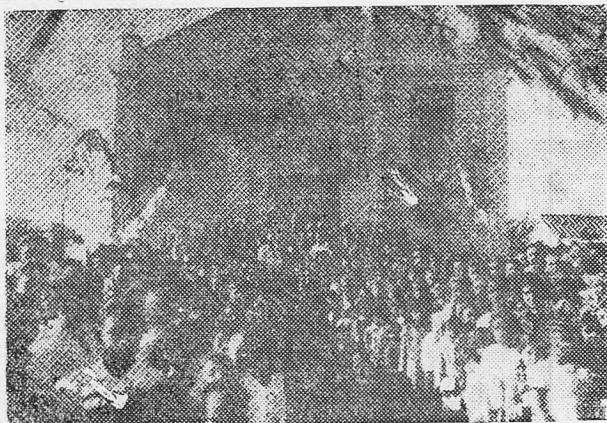
O CRISTÃO DEVE REZAR,
COMO OROU JESUS CRISTO
NA MONTANHA, COM RE-
COLHIMENTO, HUMILDADE E
CONFIANÇA.

D. Bosco

CAPÍTULO IV

LUMINOSA DESPEDIDA .

- 35 — Médicos
- 36 — Dons
- 37 — Amigos
- 38 — Sofrimento
- 39 — Nobreza
- 40 — Visitas
- 41 — Agonia
- 42 — Fim
- 43 — Holocausto
- 44 — Apoteose



ORATÓRIO S. TEREZINHA

..“OH! UMA MISSA BEM OUVIDA, QUANTAS GRAÇAS E BENÇÃOS NÃO NOS ALCANÇAM”.

D. Bosco

Dia 19 pela manhã, tentou levantar-se da cama, mas quando tocou os pés no chão percebeu que não podia andar.

Fêz novo esforço mas caiu no corredor, entre a porta do quarto e a do escritório.

Um dos salesianos coadjutores, que descia para o Santuário para fazer sua meditação, aí o encontrou.

Não podendo levantá-lo sozinho chamou o ajudante do enfermeiro e, assim, o colocaram na cama, estando o corpo um pouco sem movimento.

Eram 6 horas da manhã.

Sem se perturbar o Pe. Francisco tentava fazer o "Em Nome do Pai".

Não conseguindo, ria como uma criança.

Os salesianos da casa por indicação do doente, mandaram chamar o Dr. Ivan de Andrade Reis.

Este examinou-o bem e receitou remédios enérgicos.

A primeira vista o diagnóstico pendeu para uma polinevrite, doença de que sua mãe falecera.

35 — MÉDICOS

Pe. Francisco, no entanto, mostrava-se disposto,

passando o dia um pouco na cama e um pouco numa cadeira de braços e conseguiu alimentar-se bem, sendo os alimentos colocados na bôca por outrem.

Aproveitou o dia para fazer "Meditações Sacerdotais" e ditar as ordens, que outrem anotava.

A tarde começou a sentir a cabeça um pouco pesada e voltou para a cama.

Foi chamado novamente o Dr. Ivan, o qual, retornando, ficou um pouco alarmado com um novo aspecto da doença que o ameaçava a modificar o diagnóstico para mielite.

Convocou logo a presença de outros médicos.

Foi chamado com urgência o Dr. Cid Rangel e, logo após o Dr. José Gaudêncio Neto.

Chegou também logo o Sr. José Nascimento Filho, que prestou preciosos serviços com a sua experiência e abnegação.

36 — DONS...

As 8,30 os progressos da moléstia eram tão rápidos que os médicos, reunidos na sala de visitas, deixaram entrever a possibilidade de um desenlace iminente.

Em vista disso, os sacerdotes capitulares da casa, ali reunidos, pensaram em sugerir ao querido doente a recepção dos Sacramentos, ao que o enfermo acedeu com inteira tranquilidade.

Fez chamar o Pe. Lages que o ouviu em confissão.

Em seguida o Sr. Pe. Prefeito (Pe. Duarte), mi-

nistrou-lhe o Sacramento dos Enfermos e o Santo Viático.

No quarto estavam algumas pessoas que respondiam à palavra do sacerdote com lágrimas nos olhos.

Sòmente êle, o enfermo, olhava a todos com um olhar que exprimia um misto de tristeza, alegria e consôlo.

37 — AMIGOS

Neste interim, os médicos providenciavam um balão de oxigênio e, por telefone, tomavam-se duas providências: pedir de Belo Horizonte um especialista em neurologia e avisar em São Paulo o Sr. Pe. João Resende, que fazia as vêzes do Pe. Inspetor, achando-se êsse em Turim para a reunião do Capítulo Geral.

Na madrugada do dia seguinte, domingo dia 20, o enfermo parecia mais sossegado, embora a respiração continuasse um tanto penosa.

De manhãzinha voltaram os médicos e verificaram que a moléstia parecia querer estacionar.

Seu estado de saúde foi comunicado aos paroquianos nessa manhã.

O mesmo se fêz, por telefone, a tôdas as casas de formação da Inspetoria.

Foi então, uma enorme turba de orações que subiam incessantemente ao Céu para pedir a Deus a saúde de Pe. Francisco.

Rezavam todos: os salesianos, os noviços, os as-

pirantes, os cooperadores, os paroquianos, os ricos, os pobres, os velhos, os moços, os operários, os molequinhos da rua.

Eram preces sinceras e ferventes por aquêlê que se fizera o pai, o amigo, o irmão de todos.

38 — SOFRIMENTO

A notícia se espalhou por tôda a cidade e, em poucas horas, a portaria do Ginásio estava cheia de pessoas amigas.

Foram chamados por telefone sua irmã religiosa Nair e seus irmãos Antonio e José que residiam em Viçosa e Ponte Nova, respectivamente.

As 11 horas, chega de avião, de Belo Horizonte, o Dr. Nagib Abdo, que se dirigiu imediatamente para o quarto do enfermo.

O exame foi minucioso e prolongado.

O diagnóstico foi mielite; ainda incerto se difusa ou ascendente.

Para identificar a causa da moléstia, o médico fêz, com autorização do enfêrmo, uma punção para a extração do líquido raquidiano.

Esperavam os presentes que o Pe. Francisco fôsse gritar, por isso lhe seguraram os membros.

Ele porém de nada se queixou.

Suportou tudo pacientemente.

Seu tormento maior era a respiração que se ia tornando sempre mais penosa pois a paralisia tomara o diafragma e começava a atingir os intercostais.

O doente não sentia, porém, nenhuma dor nos membros.

39 — NOBREZA

Tôdas as visitas que vinham vê-lo diziam que estavam rezando por êle.

Pe. Francisco respondia: “Vocês estão querendo tomar meu passaporte... talvez em outra ocasião eu não me encontre tão bem preparado para morrer”.

Na noite de 20 para 21 não conseguia dormir.

Sobreveio-lhe uma tosse seguida de um pigarro do qual não se podia livrar de modo algum.

Na manhã seguinte o Pe. Francisco pediu a Santa Comunhão e recebeu-a com todo o fervor de uma alma preste a demandar seu vôo às moradas celestes.

Durante o dia sofreu sempre de forte dispnéia, aumentada pelo catarro que não conseguia expelir.

Em frente do doente foi colocado um crucifixo.

Depois de olhá-lo piedosamente mostrou-se mais alegre e confortado.



Pelas 4 horas da tarde, após variar um pouco, chama o Pe. José Vasconcelos, catequista da casa e seu futuro sucessor como diretor do aspirantado, e, tendo feito sair tôdas as pessoas do quarto, disse-lhe

estas textuais palavras, interrompidas muitas vezes pela comoção e pela dificuldade de respiração :

“Se Deus me der vida e fôrças, quero trabalhar ainda mais pela glória de Deus e da nossa querida Congregação.

Se Deus me levar consigo, ofereço minha vida pela nossa Congregação, pela nossa Inspetoria, pela perseverança e santificação dos salesianos, pela obra das vocações salesianas.

Quero pedir perdão aos meus irmãos, aos aspirantes e às pessoas com quem tratei, das minhas faltas e dos sofrimentos causados por mim.

Diga-lhes que os amo muito.

No Céu, se Deus me conceder esta graça, hei de me lembrar de todos os salesianos, aspirantes, paroquianos, dos queridos e beneméritos benfeitores de nossa Casa e das Nossas Obras.”

40 — VISITAS

Pelas 6 da tarde teve nôvo pesadêlo que durou uns 10 minutos.

Passou a noite de 21 para 22 entre alternativas de lucidez e pesadelo, que lhe impediam o sono.

A respiração sempre muito penosa fê-lo temer a morte por sufocação pelo que disse repetidas vezes : “Estcu resignado com tudo; só peço a Deus que me poupe a falta de ar”.

As 4,10 da manhã chegam o Sr. Pe. Alcides Lanna, diretor do Ginásio Dom Bosco de Cachoeira do

Campo, o irmão José e a Irmã Nair, F.M.A.

Dirigiram-se logo para o quarto do doente o qual ficou muito confortado com a presença dos irmãos e com a do Pe. Alcides a quem êle sempre se sentiu ligado, desde os inícios de sua vocação.

O irmão Antônio não pôde vir por causa de um incômodo de saúde.

41 — AGONIA

Às 6 horas, Pe. Francisco recebe a Comunhão que lhe avivou a fé e a esperança.

À tarde conseguiu mover uma perna e os pés que tinham estado inteiramente paralisados desde o dia 19, o que encheu a todos de otimismo e de esperanças.

Não conseguiu entretanto, dormir na noite de 22 para 23.

Às 2,30 da madrugada do dia 23 êle teve uma melhora tão repentina que deixou em todos certa desconfiança.

Falava e estava mais alegre.

Aos que perguntavam êle respondia: “estou muitíssimo melhor”.

Depois das 3 da tarde sossegou quase completamente num estado de meio adormecimento.

Dêste estado de sonolência quase não saiu até a noite.

Não sentia dores nem a respiração era penosa.

Às 8,30 horas da noite ainda respondia com luci-

dez as perguntas dos médicos.

Aproximava-se a hora da partida.

Às 8,50 da noite do dia 23, Pe. Francisco pareceu cair, de súbito, em estado de coma.

42 — FIM

Chamados, se reuniram no quarto, quase todos os salesianos da casa, os irmãos do enfêrmo, os cooperadores e amigos mais íntimos.

Avisados pelo telefone acorriam todos ao leito do querido moribundo.

Do lado de fora só se ouvia o barulho dos carros que chegavam.

Em menos de 5 minutos estava cheia de pessoas a sala de visitas, o corredor, o quarto e o escritório vizinho.

O enfêrmo não dava nenhum sinal de sofrimento.

Imóvel, com a cabeça um pouco voltada para o lado direito, parecia mesmo uma inocente vítima pronta a se entregar inteiramente ao sacrifício..

Sentia-se que a respiração se enfraquecia pouco a pouco.



De joelhos, à sua cabeceira, o Pe. Resende rezou tôdas as orações dos agonizantes, o têrço e renovou a absolvição e a bênção papal e sugeria jacula-

tórias, enquanto Pe. Duarte enxugava o suor que brotava do rosto do moribundo.

Só os olhos pareciam mexer um pouco.

Esfriou-se o corpo pouco a pouco, e às 21,50, sem um estertor, sem um gemido, despreendeu-se sua bela alma.

Foi tão suave o traspasse que para verificá-lo os médicos necessitaram auscultar atentamente o coração.

43 — HOLOCAUSTO

Pelos fins de fevereiro daquêlê mesmo ano de 1947, Pe. Francisco — numa viagem, exigida por sua querida mãe, que o auxiliara, abnegadamente, nos três anos mais pesados e difíceis, em São João del-Rei, então gravemente doente, — fala do Pe. Luiz Martens, morto em odor de santidade, em Liege, Bélgica, após a 1.^a Guerra, 1920...

Interessa-o muitíssimo os particulares do passamento e como Pe. Martens se tinha oferecido vítima... no fim dumá missão...

E, Pe. Francisco, parece até contente... talvez cogite imitá-lo...

Isso é por demais valioso e heróico, para que não seja atendido...

É a mais cabal e sublime explicação do que, poucos meses depois, acontece, como bem da impressionante e comovedora

44 — APOTEOSE

a partir de 23 de julho de 1947.

I — Morreu, às 9,50 da noite, o Padre Francisco.

A notícia correu rápida por tôda São João del-Rei.

O telégrafo anunciava a tôdas as casas salesianas do Brasil: “faleceu o Padre Francisco Gonçalves!”

Na manhã seguinte é o cadáver transportado da sala de visitas do Ginásio São João para o Santuário de São João Bosco.

A cidade se movimenta.

A morte dêste Padre a abalou.

Choram velhos, choram pobres, choram ricos.

Automóveis luxuosos sobem a rua Frei Cândido: são os cooperadores mais abastados, amigos do extinto, que lhe vêm trazer a última prova de carinho.



II — De um casebre do morro do “Lava-pés”, um pobre negro desce ansioso.

“Ouví dizer que morreu o Pe. Francisco”.

Com os olhos úmidos, a bôca semi-aberta, pés descalços e em mangas de camisa, vem também prestar sua homenagem ao padre amigo dos pobres.



III — Às 9 horas, Missa Solene de Corpo Presente.

O Santuário, como no dia de sua inauguração, achava-se repleto de fiéis.

Há representações de tôdas as autoridades civís e militares, todo o clero local, numerosas confrarias e entidades religiosas.

Como sinal de pesar a Prefeitura Municipal encerrou seu expediente, hasteando a bandeira em funeral.

Fecharam-se tôdas as fábricas, o comércio, a rádio local, o cinema.

Durante todo o dia, dia de céu cinzento e triste, milhares de pessoas de tôdas as categorias, passaram pelo Santuário para visitar os despojos mortais, para tocar objetos religiosos, para rezar pelo querido finado.



As 17 horas cantou-se o “Libera me” e começou o entêrro.

Um préstito triunfal! Jamais a cidade presenciou “semelhante espetáculo”, como diziam pessoas antigas na terra.

Quando o féretro saia do Santuário, a cabeça do cortêjo, em filas de oito a dez pessoas, já estava à distância de mais de um quilômetro.

E quanto recolhimento, quantas orações, quantas lágrimas! Mais de trinta sacerdotes presentes disputavam as alças do caixão.

A Avenida Rui Barbosa, principal artéria da cidade, era um mar de cabeças.

Parecia que a cidade em pêso descera à rua para prestar uma derradeira homenagem àquele sacerdote pequeno e modesto que, em tão pouco tempo, conquistara todos os corações.



V — Uma pessoa que se retirou para casa antes do termo do préstito, passando pelo centro da cidade, só encontrou na rua um único homem, e êste, provavelmente, também voltava do cortejo!

Até os cafés e bares estavam fechados.

Enquanto o povo se dirigia para a igreja do Carmo, as associações e o clero passavam pela Matriz de Nossa Senhora do Pilar, cujo pároco desejara e pedira, como mercê, a honra de prestar-lhe a sua homenagem.



VI — Dalí o préstito rumou para o Carmo, cuja praça e adjacências estavam inteiramente ocupadas por incalculável multidão.

Depois de nova encomendação, seguia o cortejo para o vizinho cemitério do Carmo.

Antes que o caixão baixasse à sepultura quatro discursos se ouviram: falou o Pe. João Resende, Inspetor Salesiano Interino, falou um aspirante, aluno do Pe. Francisco, um paroquiano e um representante do Regimento Tiradentes, o Sr. Major Carlos de Oliveira Campos.

Alguém que não conhecesse o Pe. Francisco, ao

presenciar êste entêrro triunfal, diria com certeza: verdadeiramente êste homem era um grande sacerdote.



VII — Em sete anos que viveu em São João del-Rei angariou tantas simpatias e amizades que, depois de morto, são dezenas de milhares os que vão levar o último adeus no cemitério, porque fêz coisas maravilhosas em sua vida: Oratórios — Agrícolas — Aspirantes — Igreja e Capelas — “Cooperadores” — CATECISMOS! e tudo o mais, e sempre, segundo DOM BOSCO!

Jamais deveis obrigar os jovens à frequência dos SS. Sacramento, mas deveis animá-los e proporcionar-lhes comodidades.

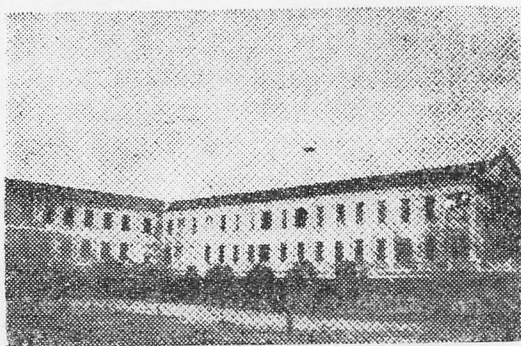
TOLERAIS AS CONTRADIÇÕES
E CALÚNIAS, COMO JESUS
CRISTO TOLEROU AS DOS ES-
CRIBAS E FARIZEUS, DEIXAN-
DO A DEUS O CUIDADO DE
JUSTIFICAR-VOS.

D. Bosco 27

PARTE II

HONROSOS DOCUMENTOS

- a) Pronunciamentos
- b) Regulamento...
- c) Diário
- d) Cartas



BONSOS DOCUMENTOS

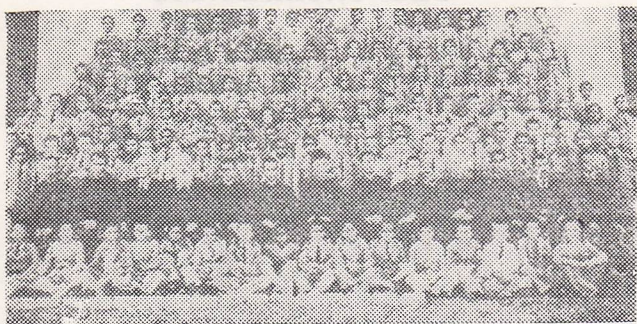
COLÉGIO S. JOÃO

“UM GRANDE SUSTENTÁCU-
LO, UMA ARMA PODEROSA
CONTRA AS INSÍDIAS DO DE-
MÔNIO A TENDES NA DEVO-
ÇÃO À MARIA SANTÍSSIMA”.

D. Bosco

PRONUNCIAMENTOS

1
2
3
4



..... 1
..... 2
..... 3
..... 4

ACADÊMICOS DE ESCOL SALESIANOS

“AS VIRTUDES QUE FORMAM O MAIS BELO ORNAMENTO DE UM CRISTÃO SÃO: A MODÉSTIA, A HUMILDADE, A OBEDIÊNCIA E A CARIDADE”.

D. Bosco

1 — “Estamos inconsoláveis com a prematura morte do santo Padre Gonçalves. É bem verdade que êle deixou saudades em todos porque a todos soube amar”. (D. Helvécio — Arc. Primaz das Minas Gerais).



2 — “...Seja abençoada sempre a santíssima vontade do Senhor. Parece quase que êle tenha querido o sacrifício desta vida jovem e promissora, como sinal de aprovação da obra das vocações salesianas da nossa Inspetoria, obra na qual o Pe. Gonçalves era um dos mais valorosos elementos. Pe. Gonçalves...

É um herói que tomba no trabalho.

Êste é o nosso maior confôrto”.

(D. Orlando - Arc. Metropolitano de Cuiabá).



3 — “Peço que rezem todos e muito para... que não seja demasiado forte o abalo produzido pelo desaparecimento dêste gigante de atividade que, em

oito anos, organizou nesta terra o Ginásio, a escola agrícola, a paróquia, 8 capelas, 3 oratórios festivos e 15 centros de catecismo com mais de cem catequistas organizadas e preparadas que dão catecismo a um número enorme de crianças.” — (D. João Rezende — Arc. Metropolitano de Belo Horizonte).



4 — “Padre Gonçalves era aquêlê sacerdote jovem, cheio de vida, risonho, alegre, trabalhador, amigo de todos...

Para todos um sorriso. Para todos a encantadora bondade de seu coração a aflorar nos seus sorrisos e a desabrochar em seus atos ungidos de caridade.

Alegre... Alegria contagiante, alegria em tudo símbolo da paz de seu espírito.

Trabalhador... O trabalho era o seu grande amigo. Foi êle um homem de trabalho intenso...

Amigo de todos... Quem o não conhece através de inúmeros benefícios que sempre prodigalizou?! São tantos, tantos.

São João del-Rei tôda deve a êste padre grande parte de sua elevação espiritual e moral.

Não será preciso dizer que foi piedoso e virtuoso, pois se o edifício de suas obras é tão grande e magnífico, é porque se assentaram em bases firmes e mais extraordinárias — as virtudes”. (Diário do Comércio de São João del-Rei, 25 de julho de 1947).

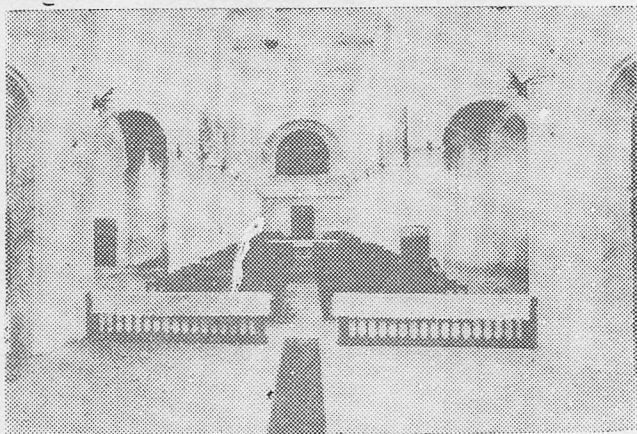
REGULAMENTO — DIÁRIO

.....

.....

1

2



SANTUÁRIO S. JOÃO

“O VERDADEIRO CRISTÃO
DEVE DIZER COM O APÓSTO-
LO SÃO PAULO: NÃO SOU EU
QUEM VIVE, MAS É JESUS
CRISTO QUE VIVE EM MIM”.

D. Bosco

c) REGULAMENTO DE VIDA DE Pe. FRANCISCO:

- 5,00 horas Levantar. Jaculatórias.
- 5,30 horas Meditação.
- 6,00 Rezar a Santa Missa
- 6,30 Assistir à outra Missa (Orações da manhã,
Prima, Terça, Sexta e Noa)
- 7,15 Café. Recreio
- 7,45 Revistar a casa
- 8,00 Atender os aspirantes no escritório
- 10,30 Leituras ascéticas (salesianas)
- 10,45 Recreio
- 11,00 Almôço. Visita ao Santíssimo
- 11,30 Recreio



- 12,30 Vésperas e Completas
- 12,45 Correspondências
- 14,00 Merenda. Visita ao Santíssimo. Recreio
- 14,45 Expediente no escritório.
- 15,30 Estudo de Teologia
- 16,15 Matinas e Laudes
- 16,45 Recreio
- 17,00 Jantar. Visita ao Santíssimo. Recreio



- 18,30 Bênção do Santíssimo. Têrço. Leitura espi-
ritual

19,15 Atender os salesianos no escritório
20,30 Orações da noite. Visita aos dormitórios
21,00 Via Sacra. Exame de consciência
21,30 Leituras ascéticas
22,00 Descanço.



Programa: Vida interior: Desprendimento, Renúncia, Sacrifício, Abandôno, Confiança, Alegria, Amor.

“Meu Deus e meu tudo”.

c) DIÁRIO

28/1/1930 — Neste dia de paraíso em que o clérigo Francisco parecia estar mais no Céu do que na terra, escreveu em seu diário :

“Amado Jesus”:

I — Não posso agradecer-Vos por esta graça incomparável que me concedestes hoje.

Eis-me, querido Jesus, pregado convosco na cruz.
Que felicidade!

Foram tão dolorosos os golpes que vos transpassaram as mãos e os pés mas foram tão suaves, tão doces as palavras da fórmula dos santos votos que me crucificaram convosco.

Ah! Senhor Jesus, banhais com o sangue preciosíssimo que saiu de vossas adoráveis chagas, as chagas místicas que me abriram os santos votos de po-

breza, castidade e obediência, para que estas doces chagas jamais se fechem.

.....

Dai-me também a morte, Senhor Jesus, antes que eu abandone a santa e sublime vocação que me deste por vossa infinita bondade, sem nenhum merecimento meu.

Agora, meu amado Jesus, sou todo vosso: corpo e alma.

Vossos e para Vós, são, portanto, todos os meus pensamentos, afetos e atos.

Não quero viver de ora em diante senão para Vós.

Mas sustentai-me, meu bom Jesus, porque sou tão fraco que hoje mesmo seria capaz de faltar às minhas promessas se vossa mão não me amparar.

.....

2 — Virgem Santíssima, foi por vossas mãos puríssimas que neste dia feliz me oferecí em sacrifício a Jesus.

Ajudai-me, pois, Mãe querida a ser realmente uma hóstia de amor e sacrifício.

Se eu mesmo me oferecesse a Jesus nenhum valor teria esta oferta mas, sendo por vossas mãos santíssimas, Ele olhará os vossos merecimentos e não os meus.

Agasalhai-me, pois, Mãe querida, sob o vosso manto maternal.



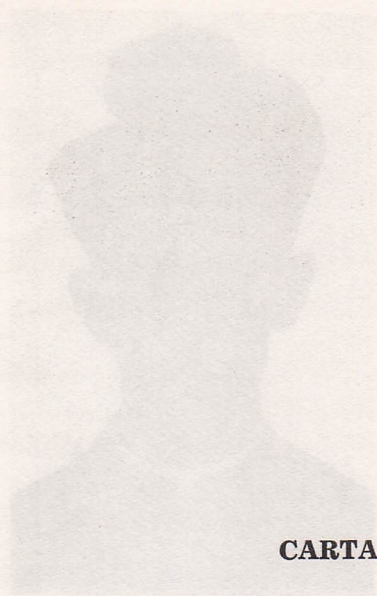
3 — Amado Pai Dom Bosco, embora indigno, sou agora vosso filho.

Protegei-me, querido Pai, alcançai-me a graça de ser vosso verdadeiro filho, de ser um santo salesiano.

Dai-me o vosso santo espírito e a graça de imitar vossas virtudes.

A principal graça que vos peço é de observar fiel e escrupulosamente as vossas santas regras.

Como uma criancinha incapaz de dar o menor passo no caminho da virtude sem cair, darei uma das mãos à Virgem Santíssima e outra a vós a fim de que me guieis pelo caminho da perfeição a que devo atender também em virtude dos santos votos”.



CARTAS

1
2
3
4
5
6
7
7



PE. FRANCISCO GONÇALVES — S. D. B.

..... 1
..... 2
..... 3
“Escolhei um confessor fixo,
ABRINDO-LHE OS SEGREDO
TODOS DO VOSSO CORAÇÃO
CADA OITO U QUINZE DIAS,
OU AO MENOS UMA VEZ POR
MÊS”.

..... 7 B. Bosco

1 — “Escolas Dom Bosco, 9 de Agôsto de 1939.

Querido Pe. Diretor.

Laudetur Christus!

Queria escrever-lhe no dia de São Domingos, a fim de lhe enviar minhas felicitações, mas os trabalhos daquêle dia não me permitiam fazê-lo. Entretanto lembro-me de que muitas vêzes o senhor me dizia: quod differtur non aufertur. Baseado na veracidade dêste provérbio é que lhe escrevo hoje assegurando-lhe que no dia 4 fiz, por sua intenção um “memento” especial na Santa Missa, pedindo a Nosso Senhor o acumule de suas melhores bênçãos.

Aqui vamos indo todos muito bem preparando-nos para a festa de São João Bosco (dia 16), com a presença do Sr. Pe. Inspetor.

Queira aceitar muitas recomendações dos irmãos daqui.

Pede-lhe a bênção o seu in corde Jesu

Pe. Francisco Gonçalves.



2 — “Escolas Dom Bosco, 23 de novembro de 1939.

Querido Pe. Inspetor

Laudetur Christus!

Recebi a sua carta do dia 13, repassada de bondade verdadeiramente paternal e junto um estatuto do nôvo aspirantado de São João del-Rei.

Sem dúvida não há salesiano que não sinta simpatia por essa nova fundação, por êsse apostolado que é o mais salesianamente salesiano, o das vocações.

Quanto à sua pergunta, digo-lhe que causou-me grande e inesperada surpresa.

No dia de minha profissão tomei a resolução de não resistir nunca às ordens e aos desejos superiores.

Acho, entretanto, que é meu dever expor-lhe algumas dificuldade que teria nêsse sentido e que o Sr. logo reconhecerá.

Mas como o Sr. determinou que fôsse a S. Paulo, apenas termine o nosso ano letivo, prefiro expor-lhe à viva voz.

Depois que lhe apresentar essas dificuldades, estarei entretanto ao seu inteiro dispor, certo de que, ouvidas estas, a sua determinação irá ser a manifestação da vontade de Deus.

Nosso ano escolar encerra-se dia 3 do p.f., mas penso que deverei demorar ainda uma semana ao menos para ultimar alguns trabalhos relativos ao ginásio.

Se o Sr. quiser que vá antes queira comunicar.

Estamos agora em exames.

Felizmente tudo vai correndo ôtimamente a con-

tento dos superiores e alunos, quanto à disciplina e piedade.

Pedindo sua bênção e aguardando suas ordens,
professo-me com filial afeto

Seu in corde Jesu

Pe. Francisco Gonçalves”.



3 — “São João del-Rei, julho de 1945

Benemérito Cooperador,

I.ouvado seja N. S. Jesus Cristo!

Auguro-lhe e à sua família as melhores bênçãos de Deus.

Há muito estamos sendo beneficiados pela sua caridade com as suas contribuições mensais para os meninos pobres dêste Ginásio.

Só N. Senhor é que lhe poderá pagar essa caridade.

Tenho o prazer de lhe informar que já são mais de 200 êsses meninos que aqui se preparam para o sacerdócio.

Como vê, já duplicou o seu número.

Por isso venho, com a presente, consultar se V.S. estará disposto, também a duplicar a sua caridade, contribuindo com vinte centavos por dia ou sejam seis cruzeiros por mês para a Cruzada das Vocações em vez de dez centavos diários como caridosamente tem feito.

Estou certo de que N. Senhor duplicará também suas bênçãos para V.S. e sua querida família.

Conte sempre com as orações diárias dêsses duzentos meninos que estarão assim beneficiados com as suas esmolas.

Com todo o aprêço e gratidão me professo, seu servo em N. Senhor.

Pe. Francisco Gonçalves”.



4 — Exmo. Sr.

Respeitosas Saudações.

Quem tem o prazer de se dirigir a V. S. é o diretor do Ginásio São João, de São João del-Rei.

Este Ginásio é destinado a educar meninos pobres para a carreira sacerdotal.

Já temos aqui mais de 200 alunos internos formando-se para êsse fim.

Visto que são todos pobres, o Colégio não tem renda fixa e se mantém da caridade de pessoas caridosas que vêm em nosso auxílio numa obra tão bella e tão meritória como é essa, de cooperar para a formação de futuros sacerdotes e educadores.

Confiado por isso na sua conhecida bondade, venho com a presente fazer um apêlo à sua caridade, pedindo-lhe, também, um auxílio para os meninos pobres dêste Colégio.

Esse donativo poderia ser em dinheiro ou em generos alimentícios como: arroz, feijão, milho, etc. ou alguma criação como : um bezerro, um porquinho, alguma galinha, etc.

Qualquer coisa que nos puder oferecer aceitaremos com muita gratidão e êstes 200 meninos, agra-decidos e beneficiados pela sua generosidade, irão rezar diàriamente por sua intenção.

Nosso Senhor o recompensará por nós largamente, abençoando ao senhor, e à sua querida família, pois “quem dá aos pobres empresta a Deus”.

Com todo o aprêço me professo

Seu servo no Senhor

Pe. Francisco Gonçalves.”



5 — São João del-Rei, 1 de julho de 1945.

Exma. Sra.

Respeitosas Saudações.

Conhecedor de sua bondade e caridade venho, por meio desta, fazer-lhe uma proposta ou um pedido.

Por motivo de economia e decôro da Igreja fundamos aqui, no Ginásio São João, uma sala de costuras para alfaias para a igreja e roupinhas para os nossos meninos.

Sabendo que a senhora tem muita habilidade para tais trabalhos, venho consultá-la se a senhora poderia prestar o seu valioso concurso nesta “Sala de Costura Dom Bosco”, algumas horas por semana à sua escolha.

Se puder ficar-lhe-emos muito gratos por essa grande caridade que fará em benefício de nossas ca-

pelas e dêstes meninos pobres, os quais rezarão sempre por sua intenção e N. Senhor lhe pagará por nós essa caridade.

Com todo o aprêço me professo

Seu Servo no Senhor.

Pe. Francisco Gonçalves."



6 — "Sr. Pe. Inspetor

Viva Jesus

Peço-lhe permissão para fazer-lhe com esta um pedido que não saberia fazer a viva voz.

Visto que falamos sôbre a distribuição de pessoal para o próximo ano, também para o Colégio São João, venho respeitosamente mas sinceramente e de coração pedir a V. Revma. a grande caridade de me dispensar do cargo de diretor ao terminar êste ano que é o último do meu triênio, consoante a nomeação de Turim que tenho em mãos.

Creia-me, Pe. Inspetor, o motivo que me leva a fazer-lhe insistentemente êsse pedido, não é o desejo de me esquivar ao trabalho, mas é quase um motivo de consciência porque sinto dificuldades realmente grandes e quase insuperáveis no desempenho dêste cargo.

Concedida esta graça que lhe peço, V. Revma. poderá dispor de mim para qualquer trabalho que puder fazer nesta casa ou em qualquer outra da nossa querida Inspetoria.

Queira desculpar a insistência dêste pedido que lhe faço porém com a liberdade e confiança de filho.

Aguardando a caridade de sua resposta com todo o afeto me professo seu in corde Jesu.

Pe. Francisco Gonçalves."



7 — "São João del-Rei, 13 de março de 1947.
Caríssimos...

Viva Dom Bosco!

Estou lhes devendo resposta de várias atenciosas cartinhas repassadas de muitos sentimentos de gratidão.

Muito obrigado a todos.

Gostei muito de suas ótimas notícias, principalmente de saber que começaram com tanto fervor o santo noviciado.

Deo gratias! Deo gratias!

Vocês nada têm que me agradecer; bem queria ter feito muito mais pela primeira e querida turma de noviços do Ginásio São João.

Somos apenas instrumentos de Deus.

"Servi inutiles sumus".

Agradeçam portanto somente a Nosso Senhor a graça imensa que lhes concedeu chamando-os para o seu santo serviço e ainda mais na Congregação de D. Bosco e sob o manto de N. S. Auxiliadora.

Urge que correspondamos a tão assinalada graça com uma vida santamente salesiana, não é?...

Antecipadamente lhes envio afetuosas felicitações pela vestidura e recepção de medalha...

Imagino a justa e santa alegria de vocês neste dia tão belo, um dos mais belos de nossa vida salesiana, que marcará para cada um de vocês, sem dúvida, uma verdadeira ascensão na piedade, na virtude e nos grandes ideais salesianos!...

Pe. Francisco”.



8 — “São João del-Rei, 27 de junho de 1947.

Querida Irmã Nair

Viva Jesus Eucarístico!

Desejo que esteja muito bem de saúde, muito alegre e muito fervorosa nesse belo mês do Coração de Jesus.

Fiz agora o meu horário diário e estou seguindo à risca.

Nêsse horário há uma hora fixa diária para correspondência.

Assim sendo, espero não deixar mais Irmã Nair muito tempo sem notícias do padre, o qual sugere à Irmã que faça também um horário para não deixar também o padre muito tempo sem suas notícias.

Eu vou indo muito bem de verdade.

Há muito não passo tão bem de saúde como agora.

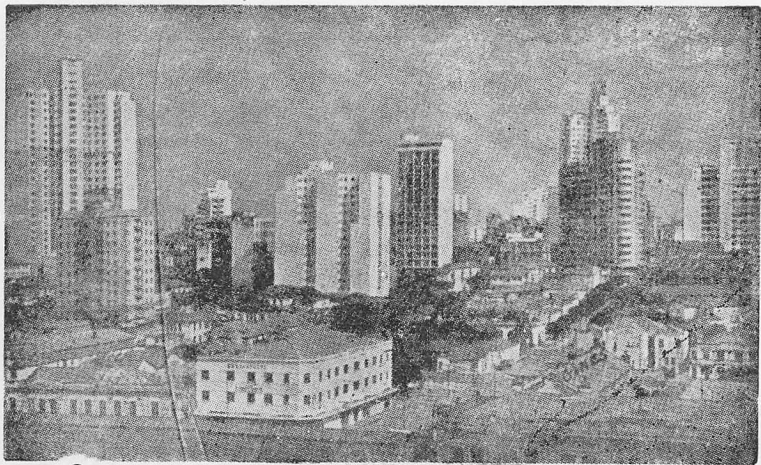
Quanto ao trabalho também estou mais aliviado pois temos mais auxiliares neste ano: 8 padres, 5 clé-

É NA SANTA COMUNHÃO
QUE OS MÁRTIRES ENCON-
TRAVAM A FORTALEZA, AS
VIRGENS O FERVOR, OS SAN-
TOS A CORAGEM.

D. Bosco

MANANCIAIS

“...PAZ”
“...ETERNAME”



BELO HORIZONTE

"OH! ETERNIDADE! ÚNICA-
MENTE DIGNA DOS MEUS
PENSAMENTOS E CUIDADOS,
COMO PUDE ESQUECER-TE
ATÉ AGORA".

D. Bosco

“O que apetece o Espírito é vida e paz” (Rom. 8,6)

Uma ponderada consideração leva a averiguar que o sacrifício do amor humano vivido na família, sacrifício que o padre ou qualquer pessoa realizar por amor de Cristo, é na realidade uma homenagem àquele amor.

Com efeito, é universalmente reconhecido que a criatura humana sempre ofereceu a Deus o que é digno de quem doa e de quem recebe.

I

A Igreja, por outra parte, não pode e não deve ignorar que à escolha do celibato — feita com humana, cristã, prudência e responsabilidade — preside à Graça, que não destrói e não violenta a natureza, mas a eleva e lhe dá capacidade e vigor sobrenaturais

II

Deus que criou o homem e o redimiou, sabe o que pode pedir e lhe dá tudo o que é necessário, a fim de que possa fazer aquilo que o seu Criador e Redentor lhe pedir.

Santo Agostinho, que experimentava ampla e

dolorosamente em si mesmo a natureza humana, exclamava: “Dá aquilo que ordena e ordena aquilo que queres”.



O homem, criado à imagem e semelhança de Deus é também, acima de tudo, inteligência, vontade, liberdade; graças a tais faculdades, o homem é superior ao Universo, a ponto de poder dominar os seus próprios apetites físicos, psicológicos e afetivos.

A escolha de uma relação pessoal mais íntima e completa com o mistério de Cristo e da Igreja, a bem da integridade é o motivo verdadeiro e profundo do sagrado celibato.



Isso exige compreensão lúcida, cuidadoso domínio de si mesmo e elevação sábia da própria psique, sobre o plano superior, que, enobrecendo integralmente o homem, contribui, efetivamente, na perfeição dêle.

Portanto no coração do padre, o amor, praticado à imitação de Deus e de Cristo, autêntico, exigente, concreto, ampliando sem limites o panorama sacerdotal, que aprofunda e dilata o senso de responsabilidade, sinal de personalidade madura — educa nê-le, com expressão da mais alta e vasta paternidade, a plenitude e delicadeza dos sentimentos, enriquecendo sem medidas.

A Igreja confia aos seus padres o testemunho de uma vida totalmente dedicada às mais novas e arrebatadoras realidades do reino de Deus.

A presença junto das famílias, do padre, que usa integralmente o próprio celibato, sublima a dimensão espiritual de cada amor digno dêste nome.

III

A solidão do padre não é o vazio, por estar cheia de Deus, da riqueza exuberante do reino divino.

Além disso, esta solidão, plenitude interior e exterior de caridade, o padre a escolheu, ciente e não por orgulho de ser diferente dos outros ou por qualquer outro egoísmo.



Separado do mundo, o padre não se separa do povo de Deus, porque é tal a bem dos homens, consagrado inteiramente à caridade e à obra pela qual o escolheu Deus Nosso Senhor.

Se por vezes a solidão pesar sobre o padre, como Cristo, poderá afirmar: "Eu não estou sozinho porque o Pai está comigo".

Na realidade, quem escolheu ser todo de Cristo, há de encontrar Nêle a Graça e a Fôrça necessárias; terá a proteção da Mãe de Jesus, os cuidados maternos da Igreja, a quem serve, a solicitude do bispo, seu pai em Cristo, juntamente a fraternidade

dos seus irmãos no sacerdócio e o conforto de todo o Povo de Deus.

IV

A virtude do padre é um bem de toda a Igreja, é uma não humana riqueza e glória que redundará na edificação, em benefício de todo o povo de Deus.

Por isso, os leigos poderão com sua devotada e cordial amizade ser de grande auxílio aos ministros sagrados.



Realmente, correspondendo à vocação do batismo, podem, os fiéis, em certos casos, esclarecer e confortar o padre, de tal maneira que o povo de Deus há de honrar o Senhor Jesus naquêles que O representam e dos quais disse: “Quem vos recebe a Mim recebe e quem me recebe, recebe Aquêlê que me enviou” — garantindo a certeza da recompensa a quem, de qualquer modo, praticar o amor, para seus enviados.

(Tópicos extraídos e traduzidos da Encíclica “Celibato Sacerdotal” de Paulo VI).

“Quem come dêste Pão viverá eternamente”.

1 — PARA O CORPO

1 — REPOUSO não menos de 8 horas por dia (das 21 às 5 horas sendo possível), evitando todo falar inútil, mormente das 19 ou 20 horas até o café da manhã (Sempre sem prejuízo das convivências sociais, etc.).

2 — ALIMENTAÇÃO frugal e sadia, sendo possível em horas determinadas e não mais de 4 vezes ao dia, respeitando ambiente, costume, etc.

3 — TRAJE simples e sempre edificante.

4 — ASSEIO cuidadoso evitando exagêro, dispensando os cosméticos, pois a GRAÇA exorna mais que tudo.

2 — ALIMENTO DO ESPÍRITO

a) — TODOS OS DIAS: 1 — Orações da manhã (oferecimento do dia); 2 — Meditação com exame preventivo (15 min.). 3 — Missa e Comunhão, (comungar semanal ou mensalmente, pelo menos); 4 — Visita ao SSmo. Sacramento; 5 — Leitura Espiritual com exame de consciência (uns min.); 6 — Relógio da Paixão; 7 — Jaculatórias e Comunhão Espiritual frequentes; 8 — Santo Têrço; 9 — Funções Paroquiais; 10 — Orações da noite (arrependimento).

b) — TÔDAS AS SEMANAS: 1 — Funções Paroquiais; 2 — Jejum na 6.^a-feira;

3 — Abstinência no Sábado (ou outras mortificações).

c) — TODOS OS MESES: 1 — Confissão frequente; 2 — Recolhimento de um dia, com o Exercício da BOA MORTE.

3 — AMBIÇÕES REAIS

1 — Desapêgo dos Bens, embora economia e cuidado de tudo.

2 — Renúncia da própria VONTADE, pela submissão respeitosa à autoridade.

3 — VIDA DO ESPÍRITO, mortificando os sentidos, a fantasia, o coração.

N. B. — O plano acima traçado ou sugestões, baseados em longas e muitas experiências, só podem favorecer a “Verdade para a Inteligência, a Moral que acresce no Coração a CARIDADE e conserva a Liberdade da ação, determinando-lhe seu uso” a facilitar a REALIZAÇÃO DO HOMEM, bem como sua Felicidade Terrena e ETERNA.

